



PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO QUANTO À AUTOMEDICAÇÃO

HIGH SCHOOL STUDENTS' PERCEPTIONS OF SELF-MEDICATION

SANTOS, Isabella Cristine dos¹
SANTOS NETO, Otavio Marino dos²
ULIANA, Vitória Imaculada Soares³
PEDRAZZI, Vinicius⁴
ISSA, João Paulo Mardegan⁵

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo por meio de um projeto de extensão universitária realizar orientação sobre as consequências do consumo de medicamentos sem a prescrição médica para estudantes do ensino médio de escolas estaduais na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. As palestras foram ministradas com o uso de apresentação de slides, nas quais havia diversas imagens sobre os principais medicamentos comercializados, além de orientações e esclarecimentos sobre o tema abordado. Mediante um questionário de entrevista guiado, obtivemos dados sobre a automedicação que foram organizados através de distribuição de frequência das respostas. Foram atingidos 118 estudantes, com idade variando entre 14 a 18 anos, sendo 53% do gênero feminino (n=61) e 47% do gênero masculino (n=57). Os dados encontrados mostraram que o tema é de extrema importância entre os jovens, pois cerca de 75% dos estudantes que responderam aos questionários já praticaram a automedicação, o que confirma o quanto essa atividade está enraizada na população brasileira. Concluiu-se por meio das aulas ministradas e dos questionários aplicados, que a automedicação é um assunto muito banalizado pela sociedade, em grande parte pela falta de orientação sobre o tema, o que aumenta a relevância de sua inclusão no conteúdo programático do Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Pública; adolescência; medicamentos; Ensino Médio; educação.

ABSTRACT

This study aimed through a university extension project to provide guidance on the consequences for high school students in state schools in the city of Ribeirão Preto, São Paulo, of consuming medication without prescription. The lectures were given with the use of slide

¹ Universidade de São Paulo (USP) / Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP). Ribeirão Preto, SP, Brasil. e-mail: isabellacristine27@usp.br

² Universidade de São Paulo (USP) / Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP). Ribeirão Preto, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5220-5409> e-mail: otavio_marino@usp.br

³ Universidade de São Paulo (USP) / Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCFRP). Ribeirão Preto, SP, Brasil. e-mail: vitoriauliana@usp.br

⁴ Universidade de São Paulo (USP) / Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP). Ribeirão Preto, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0701-6999> e-mail: pedrazzi@forp.usp.br

⁵ Universidade de São Paulo (USP) / Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP). Ribeirão Preto, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1056-0795> e-mail: jpmisa@forp.usp.br



presentations, showing several images about the main drugs marketed in addition to guidance and clarification on the addressed topic. Through a guided interview questionnaire data on self-medication were obtained and organized through the distribution of frequency of responses. 118 students were reached, with ages ranging from 14 to 18 years, being 53% female (n=61) and 47% male (n=57). The data found showed that the topic is of extreme importance among young people, since about 75% of the students who answered the questionnaires have already practiced self-medication, which confirms how this activity is rooted in the Brazilian population. Through the classes taught and the questionnaires applied it was concluded that self-medication is a subject much trivialized by society, largely due to the lack of guidance on the subject, which increases the relevance of its inclusion in the high school course syllabus.

KEYWORDS: Public health; adolescence; medicines; high school; education.

INTRODUÇÃO

Os medicamentos são importantes agentes terapêuticos muito utilizados pela população brasileira (CARVALHO et al., 2005). O uso de medicamentos é influenciado por vários fatores, como o aumento da expectativa de vida da população brasileira; aumento de indivíduos com doenças crônicas; o surgimento de novas e antigas doenças transmissíveis; à crescente prevalência de transtornos de humor; doenças decorrentes de degradação ambiental; poluição ambiental; mudanças climáticas, além de investimentos financeiros feitos pelo governo brasileiro para garantir o acesso aos serviços de saúde (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2012).

O termo automedicação é definido como a iniciativa de um indivíduo ou da pessoa responsável por ele em obter ou usar medicamentos esperando que o mesmo traga benefícios ao tratamento de sintomas de uma doença, sem a indicação por intermédio de receita médica realizada pelo médico ou cirurgião dentista (PAULO; e ZANINI, 1988). A prática da automedicação pode ocorrer pelo compartilhamento de medicamentos entre familiares, vizinhos ou amigos; pelo uso de medicamentos remanescentes de prescrições anteriores; pela reutilização de prescrições antigas; pela extensão do tratamento prescrito; e pela aquisição do produto sem receita médica (VILARINO et al., 1998; BRASIL PORTARIA 3.916/MS/GM, de 30 de outubro de 1998).

Dados de 2016 apontam que 16,1% da população brasileira pratica a automedicação, sendo maior em indivíduos do gênero feminino, e na faixa etária de 20-39 anos (ARRAIS et al., 2016). Os fármacos mais frequentemente utilizados para automedicação são analgésicos e antipiréticos, anti-inflamatórios não esteroidais e antimicrobianos (LOYOLA FILHO et al., 2002; MARTINS et al., 2002; MORAES et al., 2011; PEREIRA et al., 2007; YOUSEF et al. 2008; SCHMID et al., 2010; PARK et al., 2006). Estudos sobre automedicação em adolescentes são raros, entretanto, indicam uma prevalência de automedicação variando de 26,7% a 56,6% (MORAES et al., 2011; PEREIRA et al., 2007).



No Brasil, como na maioria dos países, a idade de 18 anos é um marco legal para a idade adulta, marca o início de uma nova fase em suas vidas, na qual eles iniciam a desfrutar de privilégios de adultos. No entanto, o caminho para a vida adulta envolve explorar vários níveis de independência e responsabilidades sob a supervisão de um adulto. Essa transição da adolescência para a idade adulta é geralmente caracterizada pelo ingresso na faculdade; nas forças armadas; casamento e maternidade (CDC 2019). Esse período de transição pode afetar a saúde física e mental, e aumentar a exposição a doenças sexualmente transmissíveis; obesidade; tabagismo e uso de álcool, bem como à diminuição da prática de atividade física (NAVES et al., 2010).

Dada a relevância em saúde pública sobre os riscos causados à saúde pela automedicação, esse trabalho buscou analisar entre estudantes do ensino médio, as práticas de automedicação, com o objetivo de conhecer o perfil da automedicação entre jovens e adolescentes, por meio de um projeto de extensão educativo, com o objetivo de orientar esses indivíduos quanto aos riscos envolvidos nessa prática.

METODOLOGIA

As atividades foram realizadas fora do ambiente universitário (atividades extramuros), com estudantes do ensino médio da rede pública do estado de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto. Inicialmente foram realizados contatos com as escolas, por intermédio de seus coordenadores pedagógicos e diretores, que permitiram o desenvolvimento das atividades. Uma apresentação de slides foi realizada utilizando o programa Microsoft Power Point, apresentando imagens sobre os principais medicamentos comercializados em farmácias, além de tabelas e dados sobre como a automedicação é algo comum e que movimenta bilhões de dólares ao ano. Foi utilizada durante a apresentação uma linguagem mais coloquial associada com a científica, justamente para concretizar a interconexão entre o ambiente científico de descobertas de males e benefícios oriundos do uso de medicamentos com o ambiente cotidiano do ato de se automedicar. Além disso, o trabalho foi apresentado de forma didática e dinâmica, introduzindo os principais motivos pelos quais as pessoas decidem escolher o caminho mais fácil da cura, ou seja, por meio do consumo de medicamentos, sem uma avaliação clínica prévia. Para a obtenção dos dados, foram distribuídos aos estudantes, questionários de entrevista guiada sobre o tema abordado (Quadro 1), para posterior distribuição de frequência.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.47477

Quadro 1. Questionário elaborado para avaliar a ocorrência de automedicação.

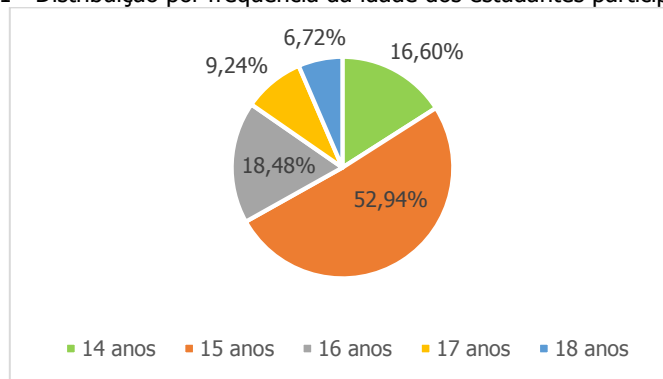
Gênero: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	Qual a classe do medicamento usado com maior frequência? <input type="checkbox"/> Contraceptivos <input type="checkbox"/> Antitérmicos e analgésicos <input type="checkbox"/> Anti-inflamatórios <input type="checkbox"/> Vitaminas ou estimulantes
Idade: _____	
Possui plano de saúde? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Qual a frequência da automedicação? <input type="checkbox"/> Sempre que sinto alguma dor <input type="checkbox"/> Apenas quando não consigo me consultar com um médico
Faz uso de medicamentos sem prescrição médica? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Apenas em último caso, quando me sinto muito mal
Já se aconselhou com terceiros para se automedicação? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Costuma recomendar medicamentos para amigos e familiares? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Por que realiza a automedicação? <input type="checkbox"/> Porque confio nas pessoas que me indicam o medicamento <input type="checkbox"/> Falta de tempo ou tenho muita dificuldade em consultar o médico rapidamente <input type="checkbox"/> Tenho costume de tomar certo medicamento e nunca tive nenhum problema <input type="checkbox"/> Eu tomo o medicamento de acordo com a indicação clínica indicada na bula	

Fonte: os autores

RESULTADOS E DISCUSSÕES

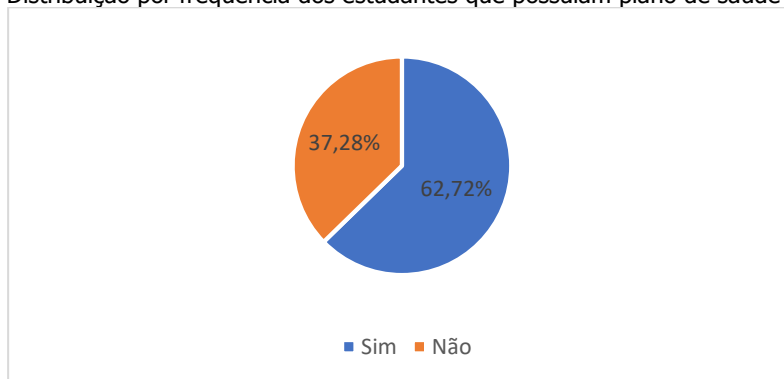
As palestras foram ministradas em duas escolas públicas situadas em diferentes zonas de Ribeirão Preto, em cinco turmas distintas do ensino médio, sendo uma do 1º Ano (n=27), duas do 2º Ano (n=54) e duas do 3º Ano (n=38), perfazendo um total de 118 estudantes. Os participantes avaliados eram 53% do gênero feminino (n=61) e 47% do gênero masculino (n=57). O gráfico da Fig. 1 aponta a distribuição por frequência para a idade dos estudantes participantes da atividade, na qual mais de 52% (n=63) tinham 15 anos de idade. Quando os estudantes foram questionados se possuíam ou não plano de saúde privado, 37,28% (n=44) responderam positivamente, enquanto 62,72% (n=74) relataram que não possuir (Fig. 2). O número encontrado está dentro da realidade brasileira, na qual estudo recente indicou, que apenas 27,9% da população brasileira possuía plano de saúde privado (MALTA et al., 2017).

Fig. 1 - Distribuição por frequência da idade dos estudantes participantes.



Fonte: os autores

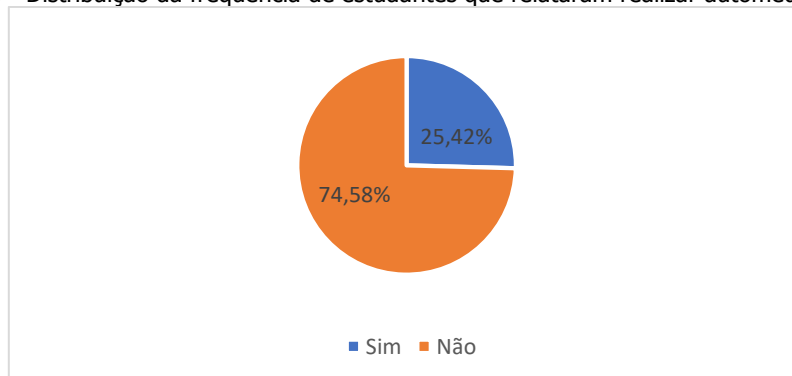
Fig. 2 - Distribuição por frequência dos estudantes que possuíam plano de saúde privado.



Fonte: os autores

Ao investigar o uso de medicamentos sem orientação médica (Fig. 3) foi encontrado que 74,58% (n=88) relatavam a utilização de medicamentos sem prescrição médica, contra 25,42% (n=30) que disseram não utilizar. Para os que responderam afirmativamente a esta questão, foi solicitado que respondessem as questões de número 4 a 8. Foi questionado de onde vinha a indicação de uso, majoritariamente 77,27% (n=68) dos estudantes reportaram que a indicação de uso vinha após a indicação de familiares (Fig. 4). A Fig. 5 reporta os motivos pelos quais os estudantes utilizam medicamentos por conta própria.

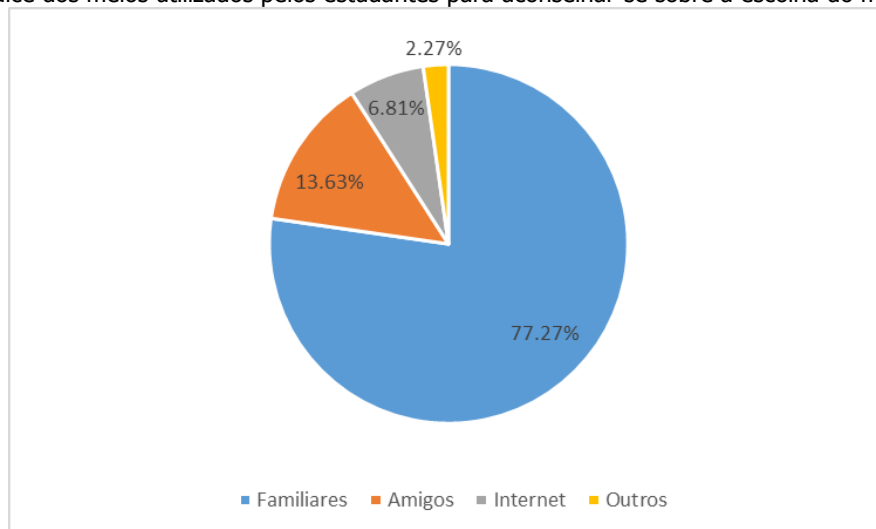
Fig. 3 - Distribuição da frequência de estudantes que relataram realizar automedicação.



Fonte: os autores

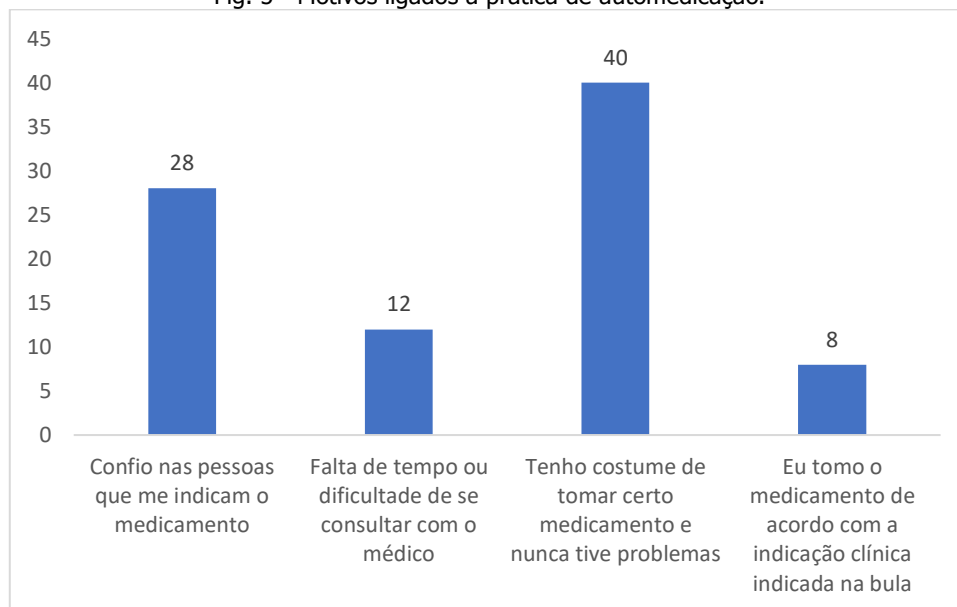
DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.47477

Fig. 4 - Índice dos meios utilizados pelos estudantes para aconselhar-se sobre a escolha do medicamento.



Fonte: os autores

Fig. 5 - Motivos ligados à prática de automedicação.

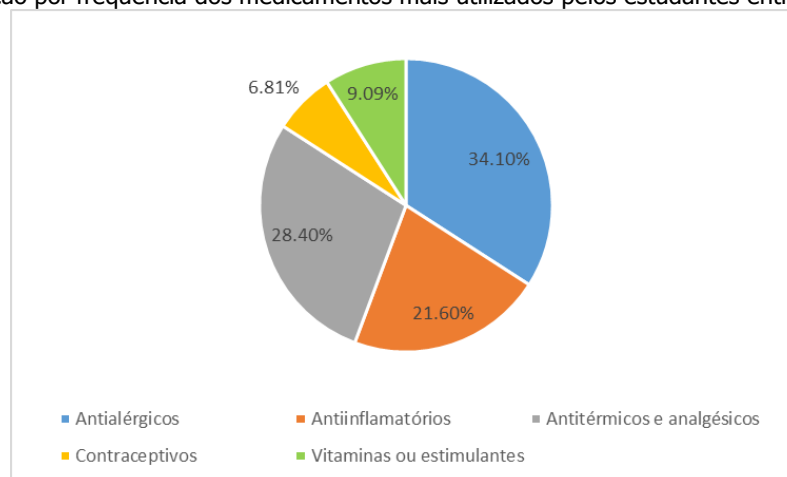


Fonte: os autores

Os estudantes foram questionados quanto às classes de medicamentos que são mais utilizados por eles. (Fig. 6) A maioria reportou o uso de medicamentos antialérgicos 34,10% (n=30); seguido do uso de antitérmicos e analgésicos 28,40% (n=25); anti-inflamatórios 21,60% (n=19); vitaminas ou estimulantes 9,09% (n=8), e por fim, contraceptivos 6,81% (n=6). O consumo desses fármacos ocorre na maioria, apenas em último caso, quando a dor é muito intensa, representado por 48,86% (n=43) (Fig. 7). Por fim, o gráfico da Fig. 8 ilustra quanto ao hábito de recomendar medicamentos a amigos e familiares, sendo que 67,04% (n=59) responderam afirmativamente.

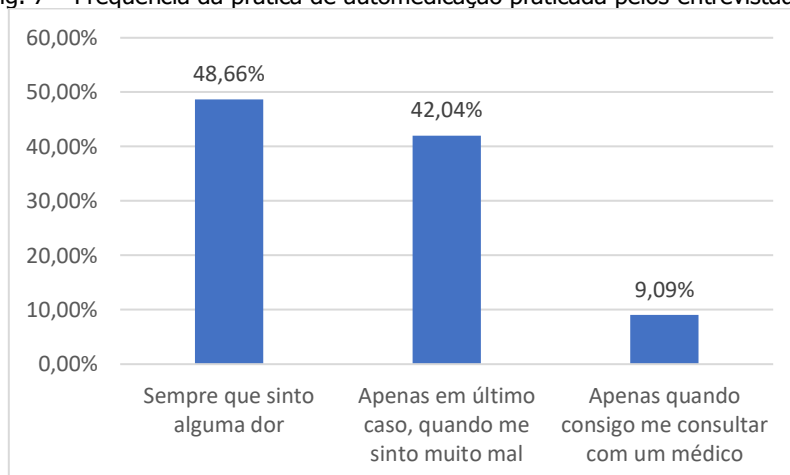
DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.47477

Fig. 6 - Distribuição por frequência dos medicamentos mais utilizados pelos estudantes entrevistados.



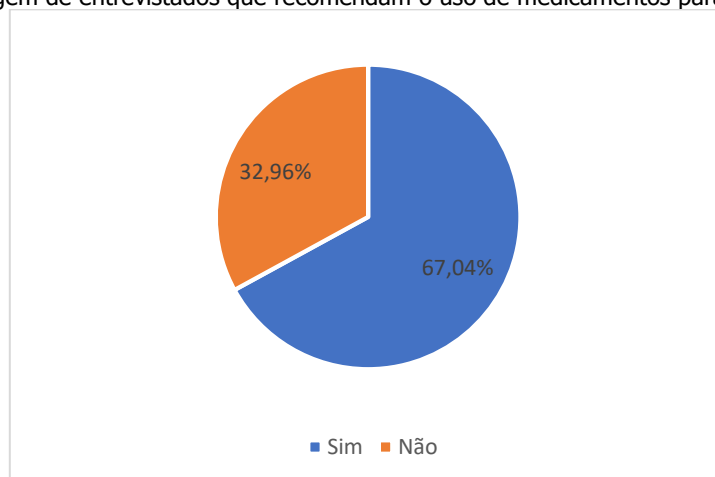
Fonte: os autores

Fig. 7 – Frequência da prática de automedicação praticada pelos entrevistados.



Fonte: os autores

Fig. 8 – Porcentagem de entrevistados que recomendam o uso de medicamentos para pessoas próximas.



Fonte: os autores



Durante a condução do estudo surgiram várias dificuldades em relação ao aceite das escolas para a realização das palestras. Muitas delas, da rede pública e particular, negaram as visitas, enquanto outras tinham dificuldade em encontrar horários disponíveis para a realização do projeto. Além disso, nas escolas que aceitaram as visitas houve um número reduzido de estudantes que frequentavam o local naquele período.

As razões para o indivíduo optar pelo uso de medicamentos para a solução de seus problemas são inúmeras. A dificuldade de acesso ao sistema de saúde; a demora nos atendimentos; a demanda excessiva de pacientes em contraponto com o número de médicos disponíveis, e a facilidade de acesso aos medicamentos mais simples, representam algumas delas. Somado aos vários fatores que levam à automedicação, há também o uso de propagandas excessivas divulgadas nas diferentes mídias. Apesar de haver uma regulamentação da ANVISA para a divulgação de propagandas de medicamentos, não há qualquer orientação aos indivíduos sobre os perigos de utilizá-los sem a devida prescrição médica ou odontológica. Nesse sentido, grande parte dos indivíduos acredita que ingerir medicamentos não causa qualquer tipo de malefício à saúde (BRICKS, 2003).

Ao iniciar a palestra, questionamos os estudantes sobre o conhecimento do assunto que seria apresentado a eles. A maioria deles não sabia do que o tema tratava. Dentre os principais pontos abordados durante a apresentação, foi realizado o esclarecimento de dúvidas quanto ao uso de analgésicos, que até então era um termo desconhecido pela maioria dos estudantes, e sobre o uso de antibióticos. Em relação aos antibióticos, foi realizada uma explicação sobre a consequência de seu uso de forma inadequada, como dose e tempo de administração incorretos, e na legislação pertinente quanto à sua prescrição. A utilização de antibióticos sem prescrição médica é uma prática muito comum na população, e pode causar danos à saúde, como por exemplo, o desenvolvimento de resistência bacteriana a esses medicamentos. (BRICKS, 2003). Nesse caso, foi importante informar os estudantes quanto aos problemas gerados por esses micro-organismos resistentes.

Quanto ao uso de analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios, grande parte dos estudantes os consumiam acreditando não causar qualquer malefício à saúde. Assim, foi feita a orientação a respeito do risco de mascarar sintomas de doenças graves com o uso dessas classes de medicamentos, pois uma vez que os sintomas desaparecem, a maioria dos indivíduos não procuram atendimento médico para investigar a origem do problema. Esses medicamentos são utilizados para tratar sintomas inespecíficos e específicos, tais como tratamento de síndromes dolorosas agudas e crônicas e seu uso vem crescendo exponencialmente (WANNAMACHER e BREDEIMER, 2005). O ato de se medicar para solucionar problemas simples não deve ser condenado, pois o atual sistema de saúde não suporta atender a essa demanda. No entanto, ações preventivas alertando sobre os perigos da automedicação desenfreada, devem ser realizadas por meio da atenção farmacêutica (MARIN et al., 2005).



Outra grande questão relacionada ao uso de medicamentos sem a prescrição profissional é o desconhecimento a respeito do surgimento de reações alérgicas ou intoxicações causadas em decorrência de seu uso. Muitos medicamentos podem levar a uma intoxicação do fígado, órgão responsável pela metabolização de alimentos e fármacos, e também prejudicar o bom funcionamento dos rins, podendo levar a hospitalizações e até mesmo ao óbito (LOPES; e MATEUS, 2012; CLASSEN et al., 1991). Muitos medicamentos potencializam sintomas indesejáveis de certas doenças ou em outros casos, anulam os efeitos de fármacos necessários para manter a saúde do indivíduo. Determinados fármacos não devem ser ingeridos caso haja a presença de algumas patologias, como a asma, insuficiência renal crônica ou a hipertensão, por exemplo. A interação medicamentosa também foi um tema abordado durante as palestras, pois o uso concomitante de diferentes fármacos sem o conhecimento do médico ou dentista representa um grande risco à saúde (todos os medicamentos, sem exceção, podem produzir o efeito terapêutico desejado, porém, certamente apresentarão efeitos colaterais indesejáveis - alguns imperceptíveis como ligeira euforia, ligeira tontura, prisão de ventre - outros mais sérios como palpitações, aumento ou depressão da pressão arterial, edema, desorientação, sonolência, diarreia, cólicas abdominais, perda de apetite, síncope, etc.) (PEDRAZZI, 2009; PEDRAZZI; e FEDOROWICZ, 2018; PEDRAZZI, 2019). A prevalência de interações medicamentosas aumenta exponencialmente com o número de fármacos prescritos, bem como os possíveis efeitos colaterais indesejáveis (MELGAÇO et al., 2010).

Um dos maiores exemplos utilizados nas salas de aula foi a relação do uso de medicamentos contraceptivos com antibióticos. A maioria das alunas presentes não reconhecia o perigo dessa associação, o que demonstra uma falha na orientação dessas jovens, pois o uso concomitante de contraceptivos orais com algumas classes de antibióticos promove uma redução do efeito contraceptivo, havendo a necessidade de utilizar métodos contraceptivos alternativos ou mesmo a escolha de um antibiótico que não interfira com o uso de contraceptivos orais, caso os exames de cultura e antibiograma ofereçam opções seguras (PEDRAZZI, 2019). Essa falta de conhecimento pode provocar uma gestação inesperada gerando várias consequências para a vida dos jovens e para a sociedade em geral (PATRICIO et al., 2019; SOUSA et al., 2008).

Observando-se os resultados obtidos nos questionários respondidos pelos estudantes foi possível confirmar que a maioria possui o hábito de se automedicar. A maior parte dos estudantes não possui planos de saúde, o que representa uma dificuldade de acesso ao atendimento médico, favorecendo assim o uso de medicamentos sem a prescrição. A maioria dos jovens acredita que os medicamentos utilizados não causam nenhum malefício à saúde, por isso não encontram problemas em consumi-los. E conforme discutido anteriormente, grande parte do consumo ocorre pela orientação de familiares. Os fármacos mais utilizados fazem parte da classe dos antialérgicos, que são os medicamentos que os estudantes afirmavam não fazer qualquer mal ao organismo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos resultados obtidos nos questionários respondidos pelos estudantes foi confirmado o hábito dos brasileiros em realizar a automedicação. Esta constatação é decorrente de vários fatores, como falta de tempo, dificuldade em acesso aos serviços de saúde ou pela herança gerada pelas crenças e tradições que até hoje são transmitidas entre as famílias. No entanto, foi possível observar que a automedicação é resultado de vários fatores que somados contribuem para a preferência dos brasileiros em procurar a resolução dos problemas sozinhos, dispensando o auxílio de um profissional de saúde habilitado para o diagnóstico e prescrição medicamentosa corretos.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. da S. D.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. *Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors*. Revista de Saúde Pública, v. 50, n. suppl 2, 2016.

BRASIL. Portaria n.º 3.916/MS/GM, de 30 de outubro de 1998. *Política Nacional de Medicamentos*. Aprova Política Nacional de Medicamentos. Diário Oficial da União; 1998.

BRICKS, L. F. *Uso judicioso de medicamentos em crianças*. Jornal de Pediatria, v. 79, p. S107–S114, 2003.

CARVALHO, M. F. De; PASCOM, A. R. P.; SOUZA-JÚNIOR, P. R. B. De; DAMACENA, G. N.; SZWARCOWALD, C. L. *Utilization of medicines by the Brazilian population*, 2003. Cadernos de Saúde Pública, v. 21, n. suppl 1, p. S100–S108, 2005.

CDC. *Improving the health of adolescents & young adults: A guide for states and communities*. Available at: <http://nahic.ucsf.edu/wp-content/uploads/2011/11/Complete2010Guide.pdf>. Accessed October 21 2019.

CLASSEN, D. C.; PESTOTNIK, S. L.; EVANS, R. S.; BURKE, J. P. *Computerized surveillance of adverse drug events in hospital patients*. 1991. Quality & safety in health care, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 221–226, 2005.

LOPES, J.; MATHEUS, M. E. *Risco de hepatotoxicidade do Paracetamol (Acetaminofem) Risk of hepatotoxicity with Acetaminophen*. Rev. Bras. Farm, [s. l.], v. 93, n. 4, p. 411–414, 2012.

LOYOLA FILHO, A. I. De; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. *Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí*. Revista de Saúde Pública, v. 36, n. 1, p. 55–62, 2002.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.47477

MALTA, D. C.; STOPA, S. R.; PEREIRA, C. A.; SZWARCOWALD, C. L.; OLIVEIRA, M.; REIS, A. C. Dos. *Cobertura de Planos de Saúde na população brasileira, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde, 2013*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, n. 1, p. 179–190, 2017.

MARIN, E.; VARINI LAPORTA, L.; LAURA ESCARRONE, A.; FRIEDRICH, M.; BITTENCOURT, C. F. *Avaliação da automedicação com antiinflamatórios não-esteroides em farmácias comerciais de Santa Maria - RS*. Disciplinarum Scientia, n. 1, p. 1–11, 2005.

MELGAÇO, T. B.; CARRERA, J. D. S.; NASCIMENTO, D. E. B. Do; MAIA, C. D. S. F. *Polifarmácia e ocorrência de possíveis interações medicamentosas*. Revista Farmácia Universidade Federal do Pará, v. 25, n. 1, p. 8, 2010.

MORAES, A. C. F. De; DELAPORTE, T. R. M.; MOLENA-FERNANDES, C. A.; FALCÃO, M. C. *Factors associated with medicine use and self medication are different in adolescents*. Clinics, v. 66, n. 7, p. 1149–1155, 2011.

NAVES, J. de O. S.; CASTRO, L. L. C. De; CARVALHO, C. M. S. De; MERCHÁN-HAMANN, E. *Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, n. suppl 1, p. 1751–1762, 2010.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS) SAÚDE NAS AMÉRICAS: edição de 2012: *Panorama regional e perfis de países*. Washington (DC): Organização Pan-Americana da Saúde; 2012. Publicação científica e técnica, nº 636.

PARK, M. J.; PAUL MUYE, T.; ADAMS, S. H.; BRINDIS, C. D.; IRWIN, C. E. *The Health Status of Young Adults in the United States*. Journal of Adolescent Health, v. 39, n. 3, p. 305–317, 2006.

PATRICIO, T.C.; BARBOSA, F.G. *Revisão bibliográfica: interações medicamentosas entre antibióticos e anticoncepcionais*. Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research, v. 25, p. 144–149, 2019.

PAULA MARTINS, A.; DA COSTA MIRANDA, A.; MENDES, Z.; SOARES, M. A.; FERREIRA, P.; NOGUEIRA, A. *Self-medication in a Portuguese urban population: a prevalence study*. Pharmacoepidemiology and Drug Safety, v. 11, n. 5, p. 409–414, 2002.

PAULO, G.L.; ZANINI, A.C. *Automedicação no Brasil*. Rev Ass Med Brasil, v. 34, n 2, 69–75, 1988

PEDRAZZI, V. *Are We Really Experiencing the End of the Antibiotic Era? Some Historical Reflections*. American Journal of Clinical Microbiology and Antimicrobials, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 1–2, 2019.

PEDRAZZI, V. *Colutórios: Mitos e Realidades na Clínica Odontológica*. Pro-Odonto Prevenção. São Paulo: Artmédica Panamericana / Editora. 2009. 1ª Ed., Série 4, ilustrado, 51 páginas, pgs. 105 a 156.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2020.47477

PEDRAZZI, V.; FEDOROWICZ, Z. *Revisões Sistemáticas em Farmacologia*. In: HONÓRIO HM, SANTIAGO JUNIOR JF, Fundamentos das Revisões Sistemáticas em Odontologia. 1ª ed. São Paulo: Quintessence Editora Ltda, 2018. Cap. 13, p. 319-22.

PEREIRA, F. S. V. T.; BUCARETCHI, F.; STEPHAN, C.; CORDEIRO, R. *Self-medication in children and adolescents*. Jornal de Pediatria, v. 83, n. 5, p. 453–458, 2007.

SCHMID, B.; BERNAL, R.; SILVA, N. N. *Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo*. Revista de Saúde Pública, v. 44, n. 6, p. 1039–1045, 2010.

SOUSA, H. W. O.; SILVA, J. L.; NETO, M. S. *Importância do Profissional Farmacêutico no Combate à Automedicação no Brasil*. Revista Eletrônica de Farmácia, v. 5, n. 1, p. 67–72, 2008.

VILARINO, J. F.; SOARES, I. C.; SILVEIRA, C. M. Da; RÖDEL, A. P. P.; BORTOLI, R.; LEMOS, R. R. *Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil*. Revista de Saúde Pública, v. 32, n. 1, p. 43–49, 1998.

WANNMACHER, L.; BREDEMEIER, M. Página 1: *Uso racional de medicamentos - Antiinflamatórios não-esteróides*: Uso indiscriminado de inibidores seletivos de cicloxigenase - 2 *Antiinflamatórios não-esteróides*: Uso indiscriminado de inibidores seletivos de cicloxigenase-2. Uso Racional de Medicamentos, v. 1, n. 2, p. 1–6, 2004.

YOUSEF, A.-M. M.; AL-BAKRI, A. G.; BUSTANJI, Y.; WAZAIFY, M. *Self-Medication Patterns in Amman, Jordan*. Pharmacy World & Science, v. 30, n. 1, p. 24–30, 2007.

Recebido em 20 de dezembro de 2019

Aceito em 07 de setembro de 2020



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.